

PAPÉIS AVULSOS
DO
DEPARTAMENTO DE ZOOLOGIA
SECRETARIA DA AGRICULTURA — SÃO PAULO-BRASIL

JACUS (*PENELOPE*) DA REGIÃO AMAZÔNICA
(AVES, CRACIDAE)

HELMUT SICK

Frequentemente verificamos que ainda subsistem lacunas em nossos conhecimentos científicos, mesmo em relação a aves de caça relativamente comuns, sobretudo quando habitam as áreas mais longínquas do País. É o que acontece, por exemplo, com a distribuição geográfica das várias espécies de jacus, grupo sobre o qual as opiniões divergem até quanto à categoria taxinômica.

JACUS DO TAPAJÓS: MATO GROSSO E PARÁ

O jacu-assu, *Penelope jacquacu* Spix, há muito é conhecido do Alto Amazonas (Colômbia e Peru); sua distribuição geográfica, no Brasil, compreende desde o oeste, ao sul do Solimões, onde a espécie foi descoberta por Spix, presumivelmente perto de Coari (Hellmayr & Conover, 1942), até o Rio Madeira. Parece que nada existe publicado sobre quais os jacus de porte grande que vivem mais para leste daquela região. Os do norte do Solimões serão tratados abaixo.

Nas nossas viagens pelo Brasil Central encontramos *Penelope jacquacu* nas cabeceiras do Rio Tapajós, em dois lugares, portanto em área muito mais para leste do que era de esperar com base nos dados até então conhecidos: a) em Mato Grosso, no Acampamento Teles Pires da Fundação Brasil Central, margem direita do Teles Pires, grande tributário oriental do Tapajós (ver mapa em Sick, 1961): 1 macho, coletado em 2.VIII.1950 (asa 351 mm, cauda 365) e 1 fêmea, coletada em 5.VIII.1950 (asa 315 mm, cauda 332); veja Fig. 1. b) no Pará, a uns 400 km do lugar mencionado, no Acampamento Cururu-assu (no referido mapa, ao sul, quase rente ao ponto denominado Creputiá). O Rio Cururu é outro afluente oriental do Tapajós, com foz perto da junção do São Manuel com o Juruena. No local foram colhidos em 5.VI.1957, 1 macho (asa 327 mm, cauda 347) e 1 fêmea (asa 296 mm, cauda 312).

Museu Nacional do Rio de Janeiro, Est. Guanabara. Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

No colorido, as quatro peças enumeradas coincidem perfeitamente com uma série de 10 *Penelope jacquacu jacquacu* Spix, do Rio Juruá (Departamento de Zoologia, S. Paulo), e com um espécime macho do Rio Purus (Museu Nacional, Rio de Janeiro). Os pormenores mais importantes correspondem igualmente à descrição do tipo spixiano (Hellmayr, 1906: 688-89) e à tabela original do autor (Spix, 1825). O brilho verde das costas tem tons bronzeados sobre as asas e a cauda; o uropígio é marcado de mais ou menos castanho avermelhado; as estrias brancas da nuca, dorso anterior e coberteiras primárias são muito nítidas; as penas do vértice têm, geralmente, debrum brancacento bem visível; a parte



1. *Penelope jacquacu jacquacu* Spix, casal (♂ maior) do Rio Teles Pires, Mato Grosso (Fundação Brasil Central, Museu Nacional, Rio de Janeiro).

inferior, do peito às coberteiras inferiores da cauda, é vermelho-ferrugem intenso. As dimensões dos meus espécimes são relativamente grandes. Segundo Hellmayr (*op. cit.*) o tipo spixiano de *jacquacu* mede: asa 293, cauda 340 mm. Menores ainda são as

peças mencionadas por Gyldenstolpe (1945), procedentes do rio Juruá: asa do macho 275-278 mm, da fêmea 266-297 mm; cauda do macho 292-313 mm, da fêmea 292-328 mm.

À mesma categoria devem pertencer cinco espécimes procedentes das cabeceiras (parte oriental) do Rio Madeira, todos sem indicação do sexo, coletados por Stolle, da Comissão Rondon, conservados no Museu Nacional: Rio Aripuanã, foz do Rio Castanho (no mapa a foz do Rio Castanho fica imediatamente ao norte da junção do Rio Roosevelt com o Rio Aripuanã), Amazonas: 22.III.1914 (asa 285 e 305 mm, cauda 300 e 325 mm) e 7.IV.1914 (asa 310 mm, cauda 315) e Rio Jamari, Rondônia: sem data (asa 290 mm, cauda 300) e 7.VII.1914 (asa 285 mm, cauda —) média: asa 295 mm, cauda 310 mm. Não me é possível fazer a comparação com as formas que vivem na Bolívia.

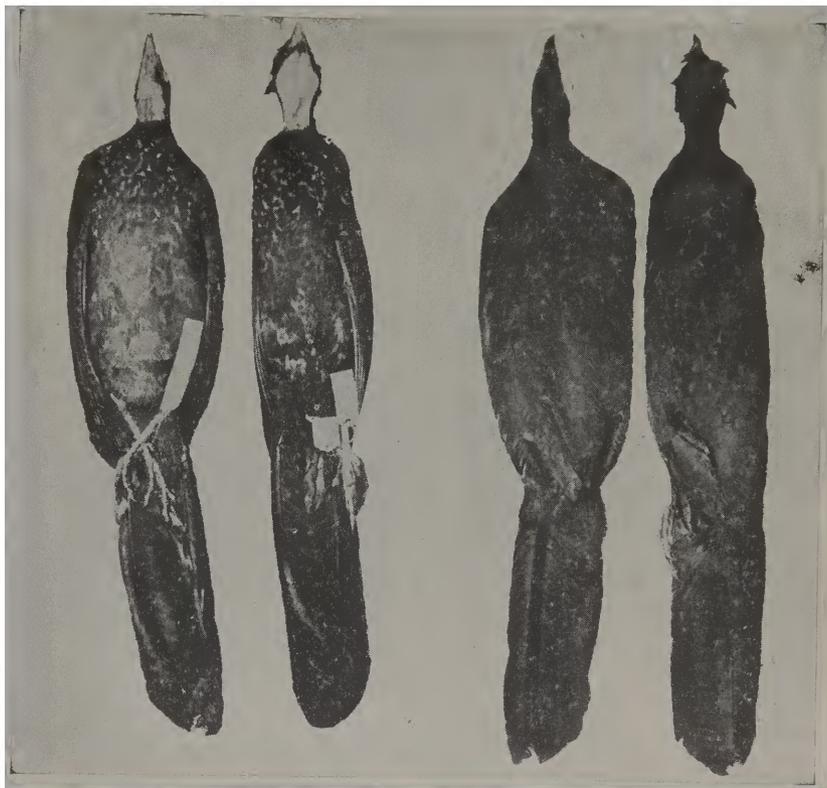
Achamos muito provável que *Penelope jacquacu* também ocorra nas cabeceiras do Rio Xingu, Mato Grosso, na foz do Rio Suíá-missu, onde notamos grandes jacus, em 1949, quando estudávamos o anambé prêto *Cephalopterus ornatus* (Sick, 1955), sem contudo poder colecioná-los. Mais para o sul, nas faixas de mata virgem ao longo do Rio das Mortes — já na bacia do rio Araguaia — ocorre *Penelope ochrogaster* Pelzeln (conf. Pinto, 1952). Esta última espécie, também de porte grande, pertence a outro grupo de jacus, do qual fazem parte *Penelope jacucaca* Spix e *Penelope pileata* Wagl. Na maior parte das áreas referidas (inclusive Xingu e Tapajós), ao sul do Amazonas, vive outrossim o pequeno jacupemba, *Penelope superciliaris* Temminck.

JACUS DO RIO NEGRO E DO RIO BRANCO:

AMAZONAS, TERRITÓRIO DO RORAIMA

Penelope jacquacu orienticola, descrita por Todd (1932:211), foi encontrada, no Brasil, apenas em poucas localidades, por exemplo, perto de Airão, no Baixo Rio Negro (Hellmayr & Conover, *op. cit.*). À subespécie *orienticola* deve, igualmente, ser referido um espécime coletado no Alto Rio Negro, perto de São Gabriel, já apontado por Pinto (1938) como pertencente a *Penelope jacquacu jacquacu* Spix (Fig. 2, à esquerda).

Em aditamento temos um macho procedente do Rio Catrimani, afluente ocidental do Rio Branco, coletado por C. Lako, recentemente falecido, para o Museu Nacional do Rio de Janeiro (Fig. 2, à direita). Este espécime confere satisfatoriamente com o de São Gabriel quanto aos caracteres de *orienticola*: parte superior totalmente verde, sem os tons bronzeados, inclusive no uropígio. O verde tem brilho ainda mais intenso, mas não é azulado como em *granti* (ver adiante). As riscas brancas sobre a nuca e as costas são meio apagadas; peito negro-esverdeado escuro; debrum das penas do vértice bastante reduzido. O vermelho acastanhado da parte inferior também é pouco pronunciado, predominando apenas no peito posterior e na barriga anterior sob a forma de densas manchas difusas; rêmiges da mão cinza acastanhado ("hair



2. *Penelope jacquacu orienticola* Todd. À esquerda: procedente do Alto Rio Negro, Amazonas (Departamento de Zoologia, São Paulo). À direita: do Rb Catrimaní, Território Rio Branco (Museu Nacional, Rio de Janeiro).

brown”) contrastando com o colorido das rêmiges do braço. Esta última peculiaridade está esboçada também na pele de São Gabriel. Medidas: asas 330 mm, cauda 355 mm.

RAÇAS GEOGRÁFICAS OU ESPÉCIES?

Para Conover e Phelps (1947) a raça *orienticola* pertence à espécie *Penelope granti* Berlepsch, e não a *Penelope jacquacu* Spix. Apoiavam sua tese principalmente os pormenores de coloração: tom claro das rêmiges da mão e verde uniforme da parte superior. Conover e Phelps não vêm razões para reunir *Penelope granti* e *Penelope jacquacu* numa só espécie como fizeram outros autores. *Penelope granti granti* Berlepsch, 1908, forma de porte

grande, com longa cauda, colorido azul-esverdeado sem nenhum castanho avermelhado sobre a parte inferior, e rêmiges da mão claras, vive na Guiana Inglesa e no sudeste da Venezuela. A vasta coleção de peles estudadas por Conover e Phelps demonstra que a espécie passa para *Penelope granti orienticola* na região do Alto Orinoco (Venezuela) e do Alto Rio Negro (norte do Brasil). (Veja também Phelps, 1962).

O aspecto da ave de Catrimani, atrás descrita, parece corroborar a possibilidade de transformação no sentido *granti-orienticola*. Acresce o porte avantajado (pés e bico muito desenvolvidos) e o alongado da cabeça; a maior intensidade do brilho esverdeado seria etapa para o azul.

A propósito da incerteza da posição sistemática de vários dos jacus, cabe aqui mencionar que já se pensou em reunir, numa só espécie, *Penelope jacquacu* e *Penelope purpurascens* Wagler, 1830 (Hellmayr & Conover, *op. cit.*: 134). O grupo *purpurascens* é vizinho setentrional de *jacquacu*.

Se seguirmos o critério de Peters (1934), de suprimir a espécie *jacquacu* para incluir as formas ora a ela subordinadas em *Penelope obscura* Temm., de área mais para o sul, teríamos uma série quase contínua de Penelopes intimamente aparentadas, que se estende do Uruguai ao México, atravessando sul, oeste e norte do Brasil.

Hellmayr & Conover (*op. cit.*), contudo, discordam da ligação de *obscura* com *jacquacu*, nos moldes apontados, isso em vista das formas do Peru (razões morfológicas). Blake (1955) que reviu as aves de caça da coleção Conover, grandemente aumentada no meio tempo, também se pronuncia a favor da separação de *obscura* e *jacquacu*. Por outro lado, Blake aceita a reunião de *jacquacu* e *purpurascens* numa só espécie.

Incidentalmente as controvérsias, ora em andamento, lançam nova luz sobre a relação de *Penelope granti* Berlepsch com *Penelope marail* (P. L. S. Müller). Esta última, forma um pouco menor e de colorido verde, às vezes com ensaio de claridade nas rêmiges da mão, conforme pude verificar em algumas peles procedentes do Brasil, habita as três Guianas, no oeste até o oriente da Venezuela, e ao sul até o Baixo Amazonas, Amapá. Peters (*op. cit.*) reúne *marail* com *granti* numa mesma espécie, ao que se opõem Hellmayr & Conover (*op. cit.* 144), com base na morfologia. Segundo Chubb (1916, 24-25) *granti* e *marail* ocorreriam juntos em vários pontos da Guiana Inglesa.

Essas considerações nos colocam diante dum problema de grande importância, cuja solução, entretanto, depende mais de coletores de campo do que de pesquisadores de gabinete. É o caso de acertar se as aves em questão são simpátricas ou alopátricas. A prova concreta da ocorrência das espécies, vivendo lado a lado, na mesma área, porém conservando a sua identidade, na maioria dos casos ainda está por se fazer. Naturalmente, a ocorrência em pontos diferentes (alopatria) não exclui a possibilidade de se tratar de espécies diferentes. Pelo que hoje se sabe sobre a vida dos jacus do Brasil, não parece que espécies parecidas ocorram conjuntamente em lugar algum. O mesmo se dá aparentemente com

tôdas as aves da família, os aracuãs (*Ortalis*), os mutuns (*Craz*), e os jacutinga-cujubins (*Pipile*). Sempre observei isso nas minhas viagens pelo Brasil. Uma confirmação acabo de encontrar numa observação de Wallace, citada por Goeldi (1894: 404).

A conclusão a que chegamos, com respeito aos jacus da Amazônia e da América do Sul, é que falta esclarecer se as diferenças verificadas são de grau ou de qualidade, i.e., se consistem apenas em maior ou menor intensidade dos caracteres, ou se têm por base elementos mais profundos.

No caso de se tratar de grau diferencial, e se as formas se correspondem geograficamente, a supressão de espécies concorreria para uma melhor compreensão biológica dessas aves. Não ousamos, por ora, pronunciar-nos sobre o veredicto relativo à ligação sistemática de *Penelope jacquáçu* com seus vizinhos *Penelope granti* Berlepsch, 1908 e *Penelope purpurascens* Wagler, 1830, porque as duas últimas só as conhecemos através da literatura, mas temos a impressão de que essas três espécies estão intimamente relacionadas e que deveriam ser reunidas sob a denominação *jacquáçu*, de Spix.

COMENTÁRIO SOBRE A NOMENCLATURA

Na legenda da estampa LXVIII, que representa o tipo de *Penelope jacquáçu*, com perfeição, Spix escreveu *Penelope jacquáçu*. A grafia "jacuaçu" deriva claramente da denominação usada no Brasil para designar os cracídeos em aprêço. Geralmente "jacuaçu" é escrito em duas palavras, unidas por traço de união: *jacú-açu*. Spix deve tê-la aprendido com os indígenas que o acompanhavam em suas viagens pelo interior. A grafia "jacquáçu", usada por Spix no texto de sua obra, em trecho anterior à tabela — e que hoje é a grafia geral — causa estranheza, sobretudo a quem conhece a verdadeira raiz desse nome, "jacú-açu". A introdução do *q* no vocábulo original não só é desnecessária do ponto de vista fonético, mas é um enxerto esdrúxulo que fere a continuidade. O sinal diacrítico no *u*, depois do *q*, não tem cabimento.

A nosso ver seria conveniente que se tentasse promover a correção de tão insatisfatória grafia por meio de recurso à última edição das Regras Internacionais de Nomenclatura (1961).

Como é sabido (Hellmayr, 1906), o texto e as estampas do 2.º volume da obra de Spix vieram a lume simultaneamente (1825). Se assim é, a prioridade da grafia *jacquáçu* sofre séria restrição, pois seria apenas prioridade de paginação. No índice da obra de Spix figura também a grafia *jacúaçu*. O fato do índice estar no começo nos dois volumes em meu poder, não confere, porém, prioridade à grafia *jacuaçu*. O índice não toma parte na numeração das páginas e tanto podia estar no fim como no começo da obra. Nestas circunstâncias seria lícito escolher o nome que acharmos mais apropriado ("first reviser") e este é *jacuaçu*.

O traço de união, tão conveniente à compreensão do termo indígena (*jacú-açu*), é obrigatório segundo a ortografia vigente no País, tem que ceder às exigências das regras da nomenclatura internacional. Devemos levar em conta o axioma da nomenclatura

zoológica, segundo o qual a palavra escolhida para designar determinado animal não passa de mera fórmula, nada tendo a ver com possíveis implicações que possa sugerir. Neste sentido impõe-se igualmente a correção do termo *Penelope jacu-caca* para *Penelope jacucaca*, publicado na mesma obra de Spix.

AGRADECIMENTOS

Apresentamos sincero reconhecimento aos colegas Dr. O. Pinto, E. A. Camargo e F. Novaes, do Departamento de Zoologia de S. Paulo, pelo amparo que sempre dispensam às nossas pesquisas, e ao Prof. Dr. E. Mayr, Cambridge, U.S.A., que discutiu com o autor a parte referente à nomenclatura. D. Adda Abendroth mais uma vez cuidou da tradução dos originais.

ABSTRACT

1. *Penelope j. jacuáçu* is recorded from Rondônia, southern Amazonas, northern Mato Grosso and southern Pará; it is probably present also in the upper Xingu, Mato Grosso.

2. *P. j. orienticola* is recorded from the upper Negro and from the Branco, and intergrades with *P. g. granti* Berlepsch.

3. The geographical distribution of Brazilian Guans is not yet adequately known. Field observations suggest that closely related species are never sympatric, and that this is apparently a general rule for the Cracidae.

4. Differences between some Guans are rather subspecific than specific. Thus some lumping of recognized forms may well contribute towards a better understanding of relationship inside *Penelope*. This would need, however, more morphological and field work.

5. It is proposed that the trivial name *jacuáçu* (used by Spix in the text) be substituted by *jacuaçu* (used in the plate and index). The former name has been used on the basis of page priority, which is not incontrovertible, as the index may be placed at the beginning of the book. *Jacuaçu* is ethymologically correct and is certainly the name given by the Indians to the bird.

REFERÊNCIAS

- BLAKE, E. R., 1955: A collection of Colombian Game Birds. *Fiel-diana Zool.* 37:9-23.
- CHUBB, C., 1916: *The Birds of British Guiana 1*: 528 pp. London.
- CONOVER, B. & W. H. PHELPS, 1947: La distribución geográfica de las subespecies de la Pava de Monte, *Penelope granti*. *Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat.* 10(68):321-325.
- GOELDI, E. A., 1894: *Aves do Brasil*. 664 pp. Rio de Janeiro.
- GYLDENSTOLPE, N., 1945: The bird fauna of Rio Juruá in Western Brasil. *Kongl. Svens. Vet. Handl.* 22(3): 338 pp.

- HELLMAYR, C. E., 1906: Revision der Spix'schen Typen brasilianischer Vögel. *Abh. K. Bayer. Ak. Wiss.*, II Kl., 22(3):561-726.
- HELLMAYR, C. E. & B. CONOVER, 1942: *Cat. Birds of the Americas*. 1(1): 636 pp.
- PETERS, J. L., 1934: *Check-List of Birds of the World II*: 401 pp. Cambridge.
- PHELPS, W. H. & W. H. PHELPS JR., 1962: Cuarentinueve aves nuevas para la avifauna brasileña del Cerro Uei-Tepuí (Cerro del Sol). *Bol. Soc. Venezol. Ci. Nat.* 23(101):32-39.
- PINTO, O., 1938: Nova contribuição à ornitologia amazônica. *Rev. Mus. Paul. São Paulo* 23:493-604.
- PINTO, O. & E. A. CAMARGO, 1952: Nova contribuição à ornitologia do Rio das Mortes. *Papéis Avulsos Dep. Zool. São Paulo* 10:213-234.
- SICK, H., 1955: O anambé preto, *Cephalopterus ornatus* Geoffr. S. H. *Rev. Brasil. Biol.* 15:361-376.
- 1961: *Tucani, Entre los indios y los animales del Centro del Brasil*. 254 pp. Barcelona.
- SPIX, J. B. von, 1825: *Avium species novae Brasiliam II*: 85 pp. 109 pls. Munique.
- TODD, W. E. C., 1932: Critical notes on the Cracidae. *Proc. Biol. Soc. Washington* 45:209-213.